

# A ONTOLOGIA EM HEIDEGGER E EM SARTRE: Contrastes

---

Nicole Elouise Avancini

Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: nicole\_avancini@hotmail.com.

**RESUMO:** O presente artigo pretende apresentar, de modo introdutório, as ontologias de Martin Heidegger e de Jean-Paul Sartre, conforme as obras *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade* e *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, visto serem os dois filósofos importantes representantes nessa discussão. Intentando responder à célebre questão “O que é o ser?”, o pensador alemão enxerga o ser como ser-aí, e procura por seu sentido, que deve ser interpretado, por meio da hermenêutica, a partir de seu “aí”, ou seja, sua facticidade. Já o pensador francês enxerga duas expressões primordiais do ser: o Em-si e o Para-si, ou mais simplificada, os objetos e o ser consciente, os seres que são e os seres que se tornam o que serão. Assim, a partir do caráter introdutório do artigo, pretende-se promover uma comparação entre ambas as teorias, identificando aspectos que permitem perceber semelhanças e diferenças nas duas ontologias.

**Palavras-chave:** Ontologia. Heidegger. Sartre. Fenomenologia.

**ABSTRACT:** The present article aims to present, for introductory purposes, the ontologies of Martin Heidegger and Jean-Paul Sartre, following the works *Ontology: Hermeneutics of Facticity* and *Being and Nothingness: An Essay on Phenomenological Ontology*, considering the two philosophers as important names in this discussion. With the intention of answering the age-old question “What is being?”, the German thinker sees being as *Dasein*, and searches for its meaning, which must be interpreted, through hermeneutics, from its facticity. On the other hand, the French thinker sees two primordial expressions of being: the in-itself and the for-itself, or simply-put: the objects and the conscious being, the beings that already are and the beings that become what they will be. Thus, as an introductory paper, its aim is to promote a comparison between both theories, identifying aspects that allow us to notice similarities and differences between both ontologies.

**Keywords:** Ontology. Heidegger. Sartre. Phenomenology.

## INTRODUÇÃO

Uma análise etimológica básica do termo “ontologia”<sup>1</sup> revela-nos que tal área de pesquisa filosófica tem por objetivo o estudo do ser. Essa definição remete-nos às finalidades de outra área filosófica bem conhecida: a metafísica, afinal ambos os termos apontam para investigações semelhantes. A metafísica, conforme Aristóteles foi o primeiro a defini-la, no terceiro livro da obra homônima<sup>2</sup>, é a “filosofia primeira”, a “ciência primeira”, cujo objeto é o objeto de todas as outras ciências, o fundamento que condiciona todos os outros saberes – é uma pesquisa voltada para os princípios das coisas, portanto. Uma análise etimológica do termo “metafísica”<sup>3</sup> indica o estudo daquilo que está além da física, além da experiência sensível, mas a metafísica enquanto área de estudo da filosofia abrange mais que isso. De acordo com o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007, p. 661), a metafísica, historicamente, tomou três formas: a teológica, a ontológica e a gnosiológica, ou seja, a metafísica pode perscrutar acerca de Deus e do conhecimento humano, ao mesmo tempo que pode questionar-se acerca do ser.

A definição de “ontologia” implica o estudo do ser (ou ente, aqui tomados como sinônimos) em geral, não de seres ou entes específicos. Mas o que é esse ser, o ser em geral? Com essa pergunta, remetemo-nos a uma das maiores preocupações dos filósofos que se ativeram a esse problema, notadamente como foi o caso de Martin Heidegger (1889-1976). Heidegger é comumente referido como o filósofo “serista” (Kahlmeyer-Mertens, 2016), no sentido de que sua maior preocupação filosófica resumia-se à compreensão do ser. Esse seu interesse germinou da leitura que fez, ainda jovem, das considerações de Brentano acerca da metafísica aristotélica. Assim, o projeto mais extenso sobre o assunto que adviria é *Ser e Tempo* (1927), mas esse longo estudo careceria de uma preparação. É com *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade* (1982) que Heidegger monta as bases, também em forma de projeto, para sua ontologia e sua fenomenologia.

O estudo do ser, conforme se verifica historicamente, é tema recorrente na filosofia. Aristóteles firmou as bases, Heidegger desconstruiu essas bases e pretendeu reerguê-las, e Jean-Paul Sartre (1905-1980) deu continuidade. Sua obra mais conhecida, *O Ser e o Nada* (1943) tem como subtítulo “Ensaio de Ontologia Fenomenológica”, honrando o que Heidegger ensinou em *Ser e Tempo*, de que a ontologia só é possível como fenomenologia. O que Sartre faz é um estudo

---

<sup>1</sup> Conforme o termo original em grego: *οντο* (ontos) = ser; e *λογία* (logia) = estudo ou ciência.

<sup>2</sup> O nome “Metafísica” foi outorgado pelo estudioso Andrônico de Rodes, que organizou a obra de Aristóteles em I a. C., e, ao posicionar os textos de Filosofia Primeira após os de Física, denominou-os Metafísica, por estarem “além” (meta) da física.

<sup>3</sup> Do original em grego: *μετα* (metà) = depois de, além de tudo; e *Φυσις* (physis) = natureza ou física.

acerca da condição humana e da natureza da existência, afinal ele é um dos únicos pensadores a aceitar o título de existencialista, mas esse estudo teria de passar por uma análise acerca do ser.

Assim, para os fins deste trabalho, pretendemos explorar as conceituações de ontologia e seus desdobramentos nos dois autores mencionados, Heidegger e Sartre, importantes representantes na investigação contemporânea acerca do ser. Concernente ao autor alemão, detemo-nos à introdução, ao prefácio e a algumas seções selecionadas da obra *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*; e para o francês, a algumas seções da introdução de *O Ser e o Nada*, bem como da segunda e da quarta parte. Desse modo, pretendemos apresentar um estudo introdutório, mas também com fins comparativos, das concepções de ambos, visto ter Heidegger muito influenciado Sartre.

## 1. A ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA

O problema a respeito do ser<sup>4</sup> permeia a história da metafísica, datando desde os gregos Parmênides, Heráclito e Aristóteles. Esse último provocou inovações nesse estudo, sendo que o ser (*tò ón*), em seus termos, “diz-se de muitos modos”, sinalizando logo a dificuldade em se conceder uma interpretação unívoca a tal conceito. Heidegger, já na contemporaneidade, encantou-se com tal dificuldade ao deparar-se com esse estudo aristotélico, e devotou seus maiores esforços a destrinchar uma possível interpretação. Seu maior projeto, *Ser e Tempo*, resulta de sua intenção de desconstruir (do original em alemão: *abbauen*) a tradição da ontologia até então, não no sentido de destruí-la (*Destruktion*), mas de desmontá-la, a fim de verificar como e por que foi montada do modo como o foi. Por isso, seu projeto configura uma ontologia fundamental.

*Ontologia: Hermenêutica da Facticidade* é a obra, publicada pela primeira vez em 1982, resultante das preleções oferecidas por Heidegger na Universidade de Freiburg, em 1923, que pode ser considerada um preâmbulo a *Ser e Tempo*. É notório que o título não se encerra meramente como “Ontologia”, ele deve vir seguido de um subtítulo, o qual indica diretamente em que sentido esse estudo do ser deve ser empreendido. Os três primeiros parágrafos da obra são dedicados a detalhar sua compreensão acerca dos três termos que compõem o título, bem como a relação que se deve estabelecer entre eles. Disso decorre que, o filósofo, no texto, apresenta sua conceituação inicial acerca do ser, conforme se vê indissolivelmente associada a uma interpretação de sua facticidade.

---

4 “Ser”, para a investigação metafísica, diz respeito à substancialidade desse ser, não a seu caráter de verbo. Quando Heidegger reclama de um “esquecimento do ser” (*seins Vergessenheit*) em sua época, refere-se ao ser enquanto verbo, mas em seus estudos, diz-se do substantivo.

Perguntar “O que é o ser?” implica, essencialmente, em perguntar pelo *quid*, a quididade do ser, e qualquer definição como predicado que seja dada, virá regida pelo verbo de ligação “é” – cai-se, portanto, numa redundância. Em vista disso, Heidegger não se questiona pelo *quid*, mas pelo sentido do ser. Em que sentido o ser se dá<sup>5</sup>? Em que sentido pode-se compreender o ser? Ora, a noção de sentido é propriamente humana, é do ser humano que parte o interesse em procurar pelo sentido das coisas. Assim, o único ser que pode lançar luz a algum sentido acerca do ser é o homem.

A procura por esse sentido requer um trabalho interpretativo, e, em Heidegger, essa interpretação é possibilitada pela hermenêutica. Esse conceito<sup>6</sup> é introduzido na filosofia por Friedrich Schleiermacher, a partir do século XIX, e posteriormente desenvolvido como corrente por Wilhelm Dilthey e Hans-Georg Gadamer. O sentido da hermenêutica a partir desses autores pode ser resumido como a arte ou a técnica da interpretação. Heidegger se apropriou do termo, mas concedeu a ele uma noção um tanto diversa. Na obra em questão, ele define: “A hermenêutica já não é mais o mesmo que interpretação, mas teoria ou doutrina das condições, da objetualidade, dos meios, da comunicação e da aplicação prática da interpretação [...]” (Heidegger, 2012, p. 19). Assim, Heidegger empreende o método hermenêutico como um modo de compreender a própria compreensão<sup>7</sup>, ou seja, um modo de lançar uma luz de sentido sobre o ato humano de compreender, a fim de que se evidencie como esse ato possibilita a compreensão acerca do sentido do ser. E esse ato de compreensão deve ser empreendido a respeito da facticidade própria do ser, uma vez que pode-se tentar compreender o ser por si mesmo (o que, como vimos, envolve grande dificuldade), mas a forma que Heidegger assume para se compreender o sentido do ser é pela sua facticidade. Isso justifica a composição do subtítulo da obra.

Mas o que é essa facticidade? Intuitivamente, o termo inclui a noção de “fato”, e parece acenar a um caráter de coisificação de um fato, ou de mais fatos. Mas não é nesse sentido que Heidegger procura pela facticidade, visto que ele pretende questioná-la sem torná-la objeto. Diz ele (2012, p. 13): “*Facticidade* é a designação para o caráter ontológico de ‘nosso’ *ser-aí* ‘próprio’”. Na introdução da obra (p. 7), Heidegger esclarece o que ele vai significar quando utilizar o termo “ontológico”: ele se refere ao ser enquanto ser, não especificado em seu “quê”, ou em seu modo, ou seja, é o ser indeterminado. Portanto, a respeito da definição preliminar de

---

5 Dar-se = *es gibt*.

6 Essa prática foi criada no âmbito da teologia, no século XVIII, como técnica de interpretação dos textos sagrados. O termo foi cunhado por Johann Conrad Dannhauer (1603-1666).

7 A máxima “compreender a compreensão” pode, porventura, nos remeter à intenção da epistemologia, que é a de perscrutar sobre nosso modo de conhecer, mas destaca-se a diferença entre os dois intentos: a epistemologia é o estudo das fontes e dos fundamentos do conhecimento, enquanto que a hermenêutica, para Heidegger, é a autocompreensão da facticidade. Aqui se evidencia a diferença entre “conhecer” e “compreender”.

facticidade, pode-se dizer que ela diz respeito à qualificação (indeterminada) do ser-aí em relação à sua qualidade de ser. Esse ser-aí é caracterizado como “nosso”, isto é, como humano.

Qualquer iniciado nos estudos em Heidegger depara-se com o conceito primordial de ser-aí (*Dasein*). Apesar de que seja em *Ser e Tempo* que o autor dê mais detalhes daquilo que ele entende por isso, já nessa obra encontra-se tal termo, ao qual não é oferecida uma definição específica, mas é possível concluirmos algumas indicações. Em outro momento do texto (p. 22), Heidegger coloca “ser-aí” e “facticidade” numa posição de semelhança, indicando não que sejam conceitos intercambiáveis, mas que o tema de sua investigação é o ser-aí em sua facticidade. Essa facticidade não está diretamente dada, pronta, evidente, mas deve ser interpretada, por meio de um esforço hermenêutico próprio. Um modo intuitivo de se querer definir “ser-aí” seria igualá-lo a “humano”, mas, conforme o autor detalha no segundo capítulo, isso não é acurado, pois senão seu estudo recairia em uma antropologia, o que não é sua intenção.

Prossegue, então, o filósofo:

Mais especificamente, a expressão [nosso ser aí próprio] significa: esse ser-aí em cada ocasião [...], na medida em que é “aí” em seu caráter ontológico *no tocante ao seu ser*. Ser-aí no tocante a seu ser significa: não e nunca primordialmente enquanto objetualidade da intuição e da determinação intuitiva, da mera aquisição e posse de conhecimentos disso, mas ser-aí está aí para si mesmo no como de seu ser mais próprio (Heidegger, 2012, p. 13).

Assim, facticidade é a determinação da vida fática, que se dá em cada ocasião (*Jeweiligkeit*), sempre e a cada vez. O ser-aí, conforme se evidencia pelo “aí” (*da*), é transcendência, visto que está sempre se projetando ao “aí”, à ocasião. Isso marca a diferença entre ser e existir: o ser simplesmente é, é determinação dos entes que são, enquanto que existir envolve uma dinâmica de vir-a-ser. “Ex-sistir”<sup>8</sup> é projetar-se para fora, para além do mero ser, é encontrar-se “aí” na facticidade. O ser-aí existe, mas não pode, conforme a citação, simplesmente ser apreendido intuitivamente enquanto objeto e sobre ele ser formado um conhecimento (ao estilo kantiano). O ser-aí está “aí” no mundo e está “aí” para si mesmo, sendo que seu sentido deve ser compreendido a partir desse “aí”, na ocasião, no tempo<sup>9</sup>, na História. Portanto, a facticidade condiciona o contexto (factual, temporal, histórico) de existência do ser-aí, e é a partir do qual ele deve ser compreendido, ou ainda, compreender a si mesmo.

Mais adiante, temos que: “A hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo [...]. Na

8 Ou ainda: “ek-sistir”. No alemão: *Existenz* (existência). O prefixo “ex” indica exterioridade.

9 O tempo é um conceito primordial na ontologia heideggeriana, conforme se verifica em seu *Magnum Opus*, mas para fins deste trabalho, não será aprofundado.

hermenêutica configura-se ao ser-aí como uma possibilidade de vir a *compreender-se* e de ser essa compreensão” (2012, p. 21). Assim, sendo o ser-aí, em seu caráter ontológico, indeterminado, é o trabalho hermenêutico que vai possibilitar alguma “determinação” sobre ele. E essa compreensão é empreendida pelo próprio ser-aí, ou seja, o ser se autocompreende a partir de seu “aí”, de sua facticidade. Destaca-se a definição da tarefa da hermenêutica como “tornar acessível o ser-aí”, o que nos leva a entender que o ser-aí não é diretamente acessível por meios alternativos que não o trabalho hermenêutico. Mas por qual meio é feito esse acesso? Ora, pela linguagem. A hermenêutica é um compreender que se expressa linguisticamente, e o modo de apreender o ser-aí é conferindo um sentido a ele por meio do dizer dele. O sentido, como vimos, é um buscar humano, e o modo de conferir sentido às coisas, tal como ao ser-aí, é expressando-se, na forma de discurso<sup>10</sup>, sobre elas. Pois, conforme o filósofo havia explicado em páginas anteriores (2012, p. 17): “A função da fala é tornar acessível algo enquanto tal, o *λογος* tem a possibilidade assinalada do *αληθευειν*<sup>11</sup> (desocultar, colocar aí à vista, à disposição, o que antes estava oculto, encoberto)”.

Linguagem, compreensão e interpretação são conceitos entendidos sob uma mesma dimensão em Heidegger. Linguagem é uma abertura de horizontes; compreender é colocar-se nesse horizonte; interpretar é fazer um recorte de sentido no âmbito da compreensão. Assim, aquilo que primordialmente encontra-se oculto (o ser, nesse caso, o ser-aí), torna-se acessível pelo esforço hermenêutico, que é interpretar, que envolve um compreender, e envolve expressar linguisticamente o sentido desse ser. A hermenêutica é interpretação (de textos, em seu sentido original), e é compreensão da compreensão (autocompreensão), para Heidegger. Esse interpretar dos textos depende da linguagem escrita expressa por esses textos, e essa autocompreensão é expressa pela linguagem na forma da fala<sup>12</sup>.

Seguindo o que foi analisado, mais adiante no texto, Heidegger (2012, p. 22) afirma que “O tema da investigação hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião”. Temos, com isso, que o objeto da hermenêutica corresponde àquilo que é sua tarefa: o ser-aí, que de início encontra-se velado, vai revelar seu sentido pelo dizer sobre ele. E esse dizer vem dele mesmo: “A hermenêutica fala desde o ser interpretado e para o ser interpretado” (2012, p. 24). Mas para que isso ocorra, o ser-aí deve encontrar-se consigo mesmo, ele deve poder-ser para poder questionar-se sobre si. Essa possibilidade de ser se expressa pelo seu “aí”.

---

10 A hermenêutica, em seu sentido original, diz respeito a uma interpretação de textos, ou seja, a linguagem tratada é a escrita. Em várias passagens da obra de Heidegger em questão, porém, ele se refere à dimensão da linguagem enquanto fala.

<sup>11</sup> Transliteração dos termos em grego, respectivamente: *logos* e *aletheuein*.

<sup>12</sup> O conceito de fala, ou discurso (*Rede*), não é um produto da linguagem, como em outros autores. Para Heidegger, a fala é o existencial que estrutura a própria linguagem e está presente mesmo que nada seja enunciado verbalmente.

Esse “aí” se dá, como vimos, no mundo (especialmente), mas também em cada ocasião (temporalmente). Isso caracteriza a facticidade que o circunda. Conforme abordado, toda facticidade é histórica, e se ela é histórica, deve ser, de algum modo e primariamente, ocasional, cotidiana: “O ser-aí próprio é o que é justamente e apenas em seu “aí” ocasional” (2012, p. 38). A determinação da ocasião é o hoje (*Heute*), e seu aspecto de estar “aí” no hoje implica uma cotidianidade (*Alltaglichkeit*), uma continuidade, um hoje seguido de outro hoje. Assim, o ser-aí se dá sempre e a cada vez.

Portanto, sendo a ontologia o estudo do ser, em Heidegger esse estudo é empreendido sobre o ser-aí. Por não poder perguntar pelo “quê” desse ser, pergunta-se pelo seu “como”, pelo seu sentido. O sentido do ser encontra-se em seu “aí”, em sua facticidade, na ocasião, no hoje. Essa facticidade deve ser interpretada a fim de que se descreva seu sentido, por isso depende do esforço hermenêutico que o ser-aí empreende a partir de si mesmo e sobre si mesmo, enquanto encontra-se “aí”. O ser-aí, desse modo, fala de si mesmo, o que Heidegger caracteriza pelo termo técnico “falação” (*Gerede*)<sup>13</sup>, afinal o ser humano é um ser de linguagem, e a linguagem é a morada do ser. E nesse “falar” de si mesmo, possibilita-se a criação de um sentido do ser.

## 2. A ONTOLOGIA SARTRIANA

Sartre inicia seus estudos em filosofia pela fenomenologia, após viajar para Berlim na década de 1930 justamente para aprender sobre seus mestres, Husserl e Heidegger. A primeira obra que advém desse interesse é *A Transcendência do Ego* (1936), que abre um estudo que tem como expressão maior *O Ser e o Nada* (1943). Com o subtítulo de *Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, a pretensão do autor com o escrito é lançar as bases ontológicas de seu existencialismo, sob o método fenomenológico. Ele explora, além dos conceitos primordiais de nada, má-fé e liberdade, as expressões nucleares do ser: ser-Em-si (do original em francês: *l'être en-soi*) e ser-Para-si<sup>14</sup> (*l'être-pour-soi*), e seus desdobramentos.

O título da obra sartriana é um claro aceno a *Ser e Tempo* de Heidegger. Porém, enquanto o alemão entende o tempo como uma categoria ontológica do ser, ou seja, o ser só existe temporalizado, Sartre estuda o ser e seu oposto, o nada, uma vez que o ser é e o nada não é, é não-ser. Como o nada não pode “nadificar” a si próprio, deve haver um ser que “introduz” o nada no

---

<sup>13</sup> A falação, para Heidegger, não é uma simples descrição da capacidade de falar. É um modo de ser do ser-aí inautêntico entregue a uma fala desenraizada do sentido essencial daquilo sobre o que fala.

<sup>14</sup> A grafia dos termos em maiúscula-minúscula segue o texto da tradução de Paulo Perdígão ao português, publicado pela Editora Vozes.

mundo: esse ser é o Para-si, o homem, como veremos adiante, e é o nada que o diferencia dos outros seres.

A introdução da obra, intitulada “Em busca do ser” (2008, p. 15), apresenta, na seção inicial, considerações acerca da “ideia de fenômeno”. Sartre constata que alguns pensadores modernos (os fenomenólogos) progrediram ao tentar reduzir o existente (o ente) à sua aparição, um contraponto às filosofias que entendem um dualismo entre o que a coisa é (númeno) e como ela aparece (fenômeno). Ora, o francês vai se opor a esse dualismo e propor que o ser de um ente se reduz mesmo à sua aparência<sup>15</sup>. Desse modo, a aparência nada mascara sobre o ser, apenas revela que o ente “possui”<sup>16</sup> o ser. A única forma de dualismo que o filósofo vai admitir (que ele chama de “nova oposição”, na página 17) é entre o finito e o infinito: o objeto, em si, é finito, mas ele se revela de infinitos modos<sup>17</sup>, sob diferentes perspectivas (ângulos) e para diferentes sujeitos.

Sartre ainda vai realizar duas distinções, meramente formais: entre o ser do fenômeno e o fenômeno de ser. Ele diz: “O ser nos será revelado por algum meio de acesso imediato, o tédio, a náusea etc., e a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta, quer dizer, sem intermediário” (2008, p. 19). Nota-se que, assim como Heidegger, para Sartre o ser deve ser tornado acessível, ao cognoscente, por algum meio – enquanto que para o alemão é pela hermenêutica, para o francês é pelo tédio ou pela náusea (de modo imediato). E a ontologia, que tradicionalmente é o estudo do ser, para o pensador francês é o estudo do fenômeno de ser do modo direto como se manifesta ao sujeito, ou seja, é indissociável da fenomenologia. Por isso é que a ontologia só é possível como fenomenologia: porque, afinal, para que seja possível dizer algo sobre o ser, ele deve ser acessível, e esse modo de acessibilidade se dá pelo ser como fenômeno. Sartre, ao eliminar a dicotomia entre ser e aparecer (sendo o “aparecer” típico dos fenômenos conforme entendidos pela fenomenologia), faz com que ser e fenômeno não constituam uma separação, mas uma coextensão.

Assim, o ser é aquilo que fundamenta, que possibilita que o fenômeno tenha uma base a partir da qual aparecer, e o fenômeno é o que revela que o ente é. Porém, conforme explica Cenachi (2018, p. 147) isso não iguala ser e fenômeno, são modos diversos de constituição do ente: o ser é enquanto ele é e o fenômeno é enquanto ele aparece. O ser, como vimos, não está “dentro” ou

---

15 Sartre pretende se opor tanto ao realismo quanto ao idealismo: ele não nega a existência de uma realidade separada da consciência, mas também não defende a primazia do fenômeno como único constituinte da realidade.

16 É apenas modo de dizer, não quer dizer que o ser seja uma “posse” do ente; Sartre nos adverte quanto a isso na página 19.

17 Isso vai compor o que Sartre chama de “série de manifestações” (o que Husserl denomina *Abschattungen*), que é o “infinito no finito”. Nota-se que não se trata de um dualismo no modo de ser dos entes, mas tão-somente no modo de percebê-los.

“atrás” do fenômeno, mas além dele: o ser é transfenomenal. Assim, Sartre se opõe ao realismo único dos objetos e ao idealismo único dos fenômenos. Explica ele:

O objeto não possui o ser, e sua existência não é uma participação no ser, ou qualquer outro gênero de relação com ele. Ele é, eis a única maneira de definir seu modo de ser; porque o objeto não mascara o ser, mas tampouco o desvela: não o mascara porque seria inútil tentar apartar certas qualidades do existente para encontrar o ser atrás delas, e porque o ser é o ser de todas igualmente; não o desvela, pois seria inútil dirigir-se ao objeto para apreender seu ser. O existente é fenômeno, quer dizer, designa-se a si como conjunto organizado de qualidades. Designa-se a si mesmo, e não seu ser. O ser é simplesmente a condição de todo desvelar: é ser-para-desvelar, e não ser desvelado (Sartre, 2008, p. 19-20).

Aqui, torna-se imperativo identificar que deve haver diferença entre os conceitos de ser, fenômeno e objeto, para que se efetive a compreensão do que Sartre quis dizer. O objeto (ou ente) é do mesmo modo como o ser é, e esse mesmo objeto aparece expresso à consciência como fenômeno. Pela afirmação de que o objeto não mascara, nem desvela o ser, evidencia-se a diferença entre objeto e fenômeno: o fenômeno é o que revela o ser, e o ser só é revelado enquanto fenômeno; o objeto está “entre” os dois, é ser e fenômeno ao mesmo tempo, é o que evidencia, no mundo, aquilo que possibilita a decomposição entre ser e fenômeno como descreve a ontologia fenomenológica<sup>18</sup>. Do mesmo modo, pela conclusão de que “ser é aparecer”, não significa que ser e fenômeno sejam idênticos, mas que o ser condiciona o fenômeno. Outro argumento de Sartre que preza pela diferenciação entre ser e fenômeno é que reduzir o ser ao fenômeno implicaria em reduzi-lo à presença. Mas, conforme ele explica (cf. Sartre, 2008, p. 19), a ausência também é indicativa do ser: se percebemos a falta de algo, é porque aquele algo esteve ali em algum outro momento.

Chegamos à distinção entre as “regiões”<sup>19</sup> do ser: o ser-Em-si e o ser-Para-si. De modo resumido, o Em-si são os objetos, as coisas do mundo: uma pedra, uma cadeira, uma mesa, uma caneta, são todos Em-si. Por outro lado, o Para-si é o homem, é o ser consciente, pois constituir-se como para-si significa estar em relação consigo mesmo, ter ciência de si mesmo. Esse segundo conceito é explorado no desenvolvimento da obra; para fins da introdução, Sartre somente caracteriza o Em-si, e o reduz simplesmente ao conceito de ser. Assim, ele define o Em-si em termos de pura positividade: ele é, é em si e é o que é; ou seja, não pode ser jamais o que não é, está fechado em simples ser e não há possibilidade de alterar essa sua condição, até porque a

---

18 Reitera-se: essa diferença entre ser do fenômeno e fenômeno de ser é meramente formal, é descritiva, pois a nível de realidade mantém-se numa coextensão.

19 Termo escolhido por Sartre, na página 38, que aponta às duas “expressões” do ser, os dois modos como ele pode ser compreendido, visto que o ser é único, mas expressa-se em mais de uma “forma”.

possibilidade é uma estrutura exclusiva ao Para-si. O que define o Em-si é a imutabilidade de sua condição.

Já o Para-si é consciente, mas não é a consciência propriamente dita, pois o Para-si é um ser e a consciência não pode ser um ser, no sentido de ser substancial. Conforme define Hazel Barnes (cf. 2006, p. 16), a consciência é uma atividade de revelar, de intencionar. Sartre segue o que Husserl ensinou sobre a intencionalidade (*Intentionalität*): toda consciência é consciência de alguma coisa. Assim, ela é sempre consciência de um fenômeno, do mesmo modo como um fenômeno somente o é para uma consciência. E, ao mesmo tempo que é consciência de um fenômeno, é consciência de si, isto é, autoconsciência. Basta que a consciência seja consciente de estar sendo consciência de um fenômeno para que se efetive como consciência, caso contrário seria vazia de conteúdo, consciente de nada, o que é impossível pois contraditório. A consciência é, portanto, posicional em relação aos objetos, e não-posicional (não-tética) em relação a si mesma, porque não pode tornar si mesma um objeto como os outros.

Na segunda parte da obra, Sartre caracteriza melhor o Para-si. Ele o define como o ser que é o que não é e não é o que é. Apesar de soar paradoxal e ferir o princípio lógico da não-contradição, tal definição torna-se mais compreensível se lembrarmos da icônica máxima sartriana de que “a existência precede a essência” (Sartre, 2017, p. 19). A qual existência o filósofo se refere nessa frase? Ora, à do Para-si. O Para-si é o ser humano, e o ser humano é livre<sup>20</sup>, portanto sua essência<sup>21</sup> não lhe é dada pronta ao nascer, ela deve ser construída. Só que essa construção nunca termina, o Para-si se mantém num estado constante de autoatualização, na tentativa de se tornar um Em-si-Para-si, ou seja, de completar sua autodefinição. E essa definição dá-se por meio de suas ações: sendo a liberdade, resumidamente, a autonomia de escolha, o Para-si define a si mesmo quando escolhe como agir, pressupondo, nessa escolha, que é responsável e que obedece a um projeto fundamental<sup>22</sup>. Por isso é que o Para-si não é o que é e é o que não é: porque está sempre em processo de se definir e redefinir, nunca encontrando uma conclusão.

À liberdade de ação antecede a liberdade de consciência: a consciência é livre para intencionar posicionar os objetos como fenômenos, do mesmo modo como o ser humano é livre para escolher qual decisão tomar, dada uma certa quantidade de possibilidades. É na quarta parte da obra que Sartre detalha seu estudo da liberdade, o conceito central de seu existencialismo, após

---

20 A liberdade de que Sartre trata é ontológica: o homem não possui a liberdade, ele é liberdade.

21 A essência a que Sartre se refere não é entendida como uma substância, no sentido metafísico, mas como um sentido de vida, de existência, que é construído por cada homem, livre, ao performar decisões.

22 A ideia sartriana de um projeto fundamental serve para caracterizar a responsabilidade: mesmo sendo livre, não quer dizer que o homem age de maneira aleatória, ele é responsável por suas escolhas pois elas têm consequências para os outros, também.

explorar os conceitos que se desdobram do estudo do ser (Em-si, Para-si, Para-outro (*l'être-pour-autrui*), nada (*néant*) e má-fé (*mauvaise-foi*)), os quais, de certo modo, relacionam-se e concluem pela tese da liberdade como ontológica. Deve esse ser o conceito primordial uma vez que o existencialismo é uma alternativa ao niilismo e ao determinismo: enquanto aquele nega a existência de algum sentido inerente à vida, e esse prega pela impossibilidade do acaso, pela necessidade de efeitos premeditados por certas causas, o existencialismo defende o poder do homem sobre sua própria vida, independentemente de valores externos pré-estabelecidos. Portanto, a liberdade é uma condição inerente à natureza humana: o ser humano é livre a nível de consciência e a nível de ação, para decidir o que quiser ser. Só que esse “querer ser” opõe-se ao “dever ser”, o que muitas vezes faz com que a liberdade se torne uma condenação – e é essa a origem da má-fé, ou seja, a negação da própria liberdade.

Indo além, descobrimos que a liberdade do Para-si deve ser sempre situada, e isso requer engajamento. Isso significa que o Para-si não está sozinho no mundo, ele se encontra e se confronta com outros Para-sis, que também são livres, e, nesse encontro de liberdades, as ações de um influenciam outros. Por isso o Para-si é, também, Para-outro. Sartre, assim como Heidegger, fala de facticidade, mas da facticidade do Para-si, que são os fatores que condicionam sua existência; são eles: 1) o lugar, 2) o passado, 3) a morte, 4) o outro e 5) os arredores. No entanto, essa facticidade condiciona a existência do Para-si apenas no sentido de influenciá-la, não de determiná-la – nenhum elemento da existência determina fatalmente o destino do Para-si, que é livre; apenas ele exerce esse poder. Conforme explica Sartre (2008, p. 608): “[...] não poderia haver liberdade a não ser *restringida*, posto que liberdade é escolha”, isso nos indica que, a fim de se configurar como uma escolha, ela deve ser feita a partir de um contexto de opções, que são oferecidas pela facticidade.

Assim, temos que a ontologia sartriana é fenomenológica, ou seja, é o estudo do fenômeno de ser, dos modos como o ser se apresenta à consciência. É, portanto, basicamente, o estudo das duas regiões do ser: o Em-si e o Para-si, com seus devidos desdobramentos. O Em-si é determinado, é fechado em si, é pura positividade, enquanto que o Para-si é dinâmica de vir-a-ser, nunca encontrando sua determinação final, mas sempre em processo de se autoatualizar, conforme escolhe e age, pois é liberdade. Assim, sua ontologia exerce o papel de fundamentar outros conceitos importantes que fundamentam seu existencialismo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Verificamos, neste estudo introdutório, que as ontologias empreendidas por Heidegger e por Sartre se diferenciam, primordialmente, por suas escolhas diversas do modo como visualizar o ser. Enquanto o alemão foca sua leitura de ser na característica dele de ser “aí”, ou seja, de estar sujeito a uma facticidade que deve ser entendida por meio de um esforço hermenêutico, o francês enxerga duas regiões primordiais desse ser, o Em-si e o Para-si, ou seja, o ser que apenas é e o ser que se torna que será. Além disso, enquanto o primeiro filósofo pergunta pelo sentido do ser, que deve ainda ser interpretado, podemos dizer que o segundo pergunta por sua quiddidade, descoberta pelas definições que oferece: ser o que se é, no caso do Em-si, não ser o que se é e ser o que não se é, no caso do Para-si, mas também descobrindo, a partir da quiddidade, seu sentido.

Sartre é estudioso e herdeiro de Heidegger, e isso se verifica claramente em algumas passagens de seu texto. Quando, na introdução do ensaio, ele diz: “O fenômeno é o que se manifesta, e o ser se manifesta a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão” (Heidegger, 2008, p. 19), fica evidente sua pretensão de construir uma ontologia que seja fenomenológica, bem como sua visão de que o ser pode ser compreendido, pois dele podemos falar, por meio, também, da linguagem. E ele desenvolve, em páginas mais à frente:

[...] a consciência sempre pode ultrapassar o existente, não em direção a seu ser, mas ao sentido desse ser. Por isso podemos denominá-lo ôntico-ontológico, já que uma característica de sua transcendência é transcender o ôntico rumo ao ontológico. O sentido do ser da existência, na medida em que se revela à consciência, é o fenômeno de ser (Heidegger, 2008, p. 35).

Aqui, novamente ele se refere ao sentido do ser, mas apenas enquanto ele se revela pelo fenômeno. Apesar de o trecho ser curto, ele nos diz muito, ainda sobre a dicotomia entre ser e aparecer. O ser é ôntico tanto quanto é ontológico, visto que se manifesta como fenômeno a partir do ente, enquanto que a nível transfenomenal mantém o ser. O fenômeno de ser, que expressa o ser por meio do ente, é, portanto, o meio para se encontrar o sentido do tão procurado ser.

Na mesma página da introdução encontramos outra passagem em que Sartre faz referência direta a Heidegger, acrescentando uma especificação a uma de suas definições:

Por certo, poderíamos aplicar à consciência a definição que Heidegger reserva ao *Dasein* e dizer que é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser, mas seria preciso completá-la mais ou menos assim: a consciência é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser enquanto este ser implica outro ser que não si mesmo (Heidegger, 2008, p. 35).

Isso indica que o ser-aí de Heidegger é o ser ocupado de interpretar seu próprio ser, do mesmo modo como toda consciência (para Sartre) deve ser autoconsciência. No entanto, além de ser autoconsciência (não-posicional), é também consciência (posicional) de outros seres: os entes, os objetos, os fenômenos.

A passagem anterior evidencia também que a consciência sartriana é do mesmo modo como é o ser-aí heideggeriano, e portanto o ser-aí possui autoconsciência. Quando Heidegger diz que o “[...] ser-aí está aí para si mesmo” (Heidegger, 2012, p. 13), parece indicar que o ser-aí é consciente sobre seu “aí”, pois o “aí” se mostra como um sentido que está em relação com seu ser, do qual o ser tem ciência e pretende extrair uma compreensão. Transformando isso em termos sartrianos, poderíamos dizer que o ser-aí é um ser-Para-si, afinal é um ser que, na busca pelo sentido do ser, deve compreender a si próprio enquanto um ser que se encontra “aí”. Para isso, ele deve ser consciente de si e de sua condição, sendo o único que pode interpretar o que ela significa.

Uma outra interpretação possível nessa comparação entre Heidegger e Sartre é a de que, quando Sartre intenta reduzir o ser à aparência, ele parece cometer o erro a que Heidegger advertiu: reduzir o ser ao ente, e, desse modo, esquecer do ser e da ontologia fundamental. Porém, conforme visto, Sartre salienta que ser e fenômeno não são idênticos, pelo menos a nível de descrição filosófica: eles são coextensos a nível de realidade, mas a nível descritivo são dois modos diversos de se visualizar o objeto – assim é que o estudo ontológico pode não ser ignorado.

Temos, com isso, que são ambos Heidegger e Sartre importantes representantes do estudo da ontologia. Ambas as filosofias exploram a questão acerca do ser de pontos de vista diferentes, com terminologias diferentes, mas que possuem certas semelhanças. Disso concluímos que, a fim de responder à antiga questão “O que é o ser?”, pode-se explorar ao menos dois caminhos: tanto por sua quididade, quanto por seu sentido, ou ainda: descobrir a quididade a partir de seu sentido. Isso significa explorar o ser a partir do modo como ele se apresenta a quem procura defini-lo: seja “aí”, Em-si, ou Para-si.

### REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CENACHI, Matheus de Oliveira. A relação entre fenômeno de ser e ser dos fenômenos: o anti-idealismo de Sartre na introdução de O ser e o nada. *Primeiros Escritos*, n. 9, São Paulo, 2018.

BARNES, Hazel E. Sartre's ontology: the revealing and making of being. *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge Companions online. Cambridge University Press, 2006.

Nicole Elouise Avancini

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto Saraiva. *10 lições sobre Heidegger*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução e notas de Paulo Perdigão. 16 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. 4 ed. 2ª reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

---

**Recebido em:** 25/10/2023.

**Aprovado em:** 07/03/2024.